

cada crente caminhar e sentir-se acompanhado por toda a Igreja, sabendo que o seu peregrinar está a ser feito na companhia de toda a comunidade eclesial.

Esta ferramenta ajuda a descobrir a ação do «Espírito que inspirou os Evangelhos e atua no povo de Deus, [e que] inspira também como se deve escutar a fé do povo e como se deve pregar em cada Eucaristia. [Diz-nos o número 139 da *Evangelii Gaudium*, que continua] Portanto a pregação cristã encontra, no coração da cultura do povo, um manancial de água viva tanto para saber o que se deve dizer como para encontrar o modo mais apropriado para o dizer. Assim como todos gostamos que nos falem na nossa língua materna, assim também, na fé, gostamos que nos falem em termos da “cultura materna”, em termos do idioma materno (cf. 2 Mac 7, 21.27), e o coração dispõe-se a ouvir melhor. Esta linguagem é uma tonalidade que transmite coragem, inspiração, força, impulso» (EG 139).

Mas, como referimos, esta obra reveste-se de uma aparente simplicidade — e aqui se evidencia a mestria do seu autor — porque em cada semana, ou Domingo se preferirmos, para além dos textos, é proposta uma reflexão que, partindo do texto bíblico conduz o crente a um aprofundar de realidades que aparentemente podiam passar despercebidas. E este convite é feito pela proposta de imagens suficientemente ricas para permitirem uma releitura cada vez mais aprofundada. Aliás, esta é outra das características deste texto: permite diversas leituras, melhor, permite sucessivas leituras que vão conduzindo o leitor a uma cada vez maior compreensão do texto a refletir. A ligação entre o texto e a experiência de cada crente é feita pela proposta de imagens onde são destacados quadros da cena bíblica que lhe está subjacente, sinais que evidenciam a ação salvífica e ritos nos quais a salvação oferecida por Deus é celebrada.

Acresce ainda que este texto está pensado, estamos em crer, para os dias de hoje, onde não há tempo para leituras demoradas e longas. Onde são precisos textos sucintos, mas suficientemente fortes para desinstalar e tornar permanente o apelo da Beleza divina. É um texto breve, mas rico, que convida a uma constante releitura. Promove uma circularidade entre o texto sagrado e a vida de cada crente e/ou comunidade, no peregrinar do hoje da história, onde Deus tem uma palavra de consolo, alento e salvação a dizer a cada crente.

Por fim, desenganam-se aqueles que pensam ter aqui um livro onde ir buscar uma reflexão para reproduzir por ocasião de qualquer partilha que se proponham realizar, homilia ou outra. Estamos diante de um livro que é, como acima se disse, uma ferramenta que exige e possibilita um grande trabalho pessoal. Recorda-nos a especificidade do texto sagrado e também a sacralidade de cada vida, onde a palavra de Deus, celebrada em ritmo semanal tem como missão, entre outras, unir o divino e o humano, deixando que cada crente se deixe interpelar e transformar pela palavra de Deus, para que o o humano seja cada vez mais humano, porque convertido pela graça divina.

L. M. FIGUEIREDO RODRIGUES

BOURGES, Béatrice, **Béatrice B catholique divorcée remariée**, Artège (www.editionsartège.fr), Paris, 2015, 156 p., 210 x 140, ISBN 978-2-36040-590-9.

A autora deste livro é uma mulher muito empenhada na defesa dos valores da família e da civilização. Nele conta, com bastante pormenor, a sua história

espiritual na passagem por sucessivas situações de vida, sempre tendo em conta a sua condição de católica. Diga-se desde já: é um texto apaixonante, que se lê de um fôlego, sem vontade de suspender a leitura. E não é só pela curiosidade de ver o que vem a seguir, como acontece na leitura de um romance. É sobretudo pela força e beleza do testemunho que ela vai desdobrando à medida que a história avança. Testemunho de verdadeira fé. Duramente provada, tentada de desistência, permeada de dramas e angústias, de dores silenciosas e de dolorosas incompreensões. Mas que venceu todas as provas, amadureceu e acabou por ser o testemunho de uma mulher profundamente feliz. Como assim?

Ela foi casada, após quatro anos de séria preparação. Teve um marido com quem foi feliz e de quem teve dois filhos. Ao fim de dez anos, quando menos esperava, o pior aconteceu. O marido abandonou-a. Ficou sozinha, com os filhos a seu cargo. Procurou gerir o melhor possível a sua situação de divorciada, inclusive perdoando ao ex-marido, pai dos filhos que tanto amava. Passou os seus tormentos. Resistiu a cortesias tentadoras de oportunistas. Experimentou a reacção negativa da gente da Igreja, onde procurou refúgio e de quem, em regra, só encontrou atitudes de rejeição. Como diz, procurava compaixão e ternura, mas encontrava só indicações de procedimento legal. Até que encontrou um homem, também ele duramente castigado pela vida, que a compreendeu como ninguém. Fizeram amizade. Progressiva e respeitosamente foram aproximando as suas vidas. Ele vinha colmatar o vazio deixado pelo ex-marido e pelo (sempre) pai dos seus filhos. Acabaram por se casar civilmente.

A partir de então, os juízos de outros cristãos e católicos sobre a sua situação

pioraram. Juízos condenatórios, de um modo ou de outro. Às vezes, por parte de pessoas muito frequentadoras da Igreja mas cuja vida pessoal e/ou familiar era, moralmente, mais que duvidosa. Com isso, ganhou novo alento a sua raiva contra a Igreja. Até que um dia...

Cansada da sua revolta e fatigada de lutar (vd. p. 69), decidiu voltar-se para Deus, certa de que Ele, sim, Ele a compreenderia como ninguém. E lhe perdoaria e a acolheria e lhe traria de novo a paz. Foi-se aproximando cada vez mais d'Ele, ao mesmo tempo que continuava detestando a Igreja. Além do mais, a situação implicava o problema de não lhe ser reconhecido o direito de comungar. A ela que, todavia, gostava de frequentar a missa. Até que... pouco a pouco foi compreendendo que importante era amar o Senhor e sentir-se amada por Ele. Com comunhão ou sem comunhão. Importante era também, na mesma linha, aquilo a que chamamos a comunhão dos santos: ela podia sentir-se unida àqueles que, na missa, iam comungar e sentir que cada um deles podia estar unido a ela e levá-la no coração até junto de Jesus. A missa voltava então a ser para ela uma festa, uma festa da comunidade onde todos, com comunhão ou sem ela, viviam a mesma comunhão dos santos. O interdito de não comungar imposto aos divorciados recasados passou então a ser entendido e assumido, não já como uma sanção mas como um sacrifício oferecido amorosamente (vd. p. 121).

Faço questão de recolher aqui algumas breves citações das últimas páginas do texto. «Compreendia cada vez melhor – confessa Béatrice Bourges – porque era importante, no meu caso pessoal, obedecer às regras. Elas permitiram a minha reconstrução. Em última análise, estas regras, em vez de me encadear, libertavam-se. [...] E era na obediência que encontrei a minha

liberdade.» (p. 124). Referindo-se ao momento da comunhão, escreve: «Certamente, ninguém me via subir ao altar, já que eu ficava na minha cadeira. Não podia ir até Ele, então era Ele que vinha até mim. [...] E eu vivia este tempo da Eucaristia melhor que jamais o tinha vivido.» p. 126). Esta transformação espiritual levou-a também a compreender melhor a Igreja, essa que ela tinha considerado intransigente, mas que agora via, antes, como educadora, com doçura e exigência, em seu papel de mãe (cf. p. 130). Tal como a levou a compreender que a misericórdia de Deus não passa exclusivamente pelo acesso aos sacramentos (cf. p. 140).

Um relato que é um belíssimo testemunho, a ter em conta nesta altura em que o problema dos divorciados recasados tanto preocupa a Igreja e tanto se multiplica no nosso mundo.

JORGE COUTINHO

SAGRADA ESCRITURA

TARNEAUD, Jocelyne, **La Bible pas à pas: Tome 3: Moïse et l'Exode**, Éditions Lethielleux (Groupe Artège : www.editionslethielleux.fr), Paris 2015, 280 p., 210 x 140, ISBN 978-2-249-62313-4.

Jocelyne Tarneaud, biblista, jornalista e autora, é uma excelente contadora de histórias, que produziu na Radio Notre Dame uma série de emissões intituladas «pas à pas» (passo a passo). Aí fez desfilar, uma a uma, as grandes figuras bíblicas, desde o Génesis ao Apocalipse, procurando realçar o simbolismo inerente a figuras, objectos e

acontecimentos, mostrando como o Antigo Testamento preludia e prefigura realidades novas e superiores do NT, e como ambos apontam para realidades escatológicas ou celestes.

Neste livro, tomo III de uma ampla colecção, coligem-se símbolos múltiplos, ligados à figura simbólica por excelência da narrativa do Êxodo, Moisés, símbolo e prefiguração de Cristo, o grande libertador, não já do Egipto país da servidão do povo hebreu, mas do Egipto do coração de cada ser humano, mormente em relação ao medo da morte que nele habita. Pelo seu próprio Mistério Pascal, Cristo, o «novo Moisés», realizou a grande passagem da servidão à condição mortal para a liberdade da Terra Prometida do reino dos Céus.

São 21 os textos (as palestras) que aqui se coligem, cada um preenchendo um capítulo do livro. Todos eles, no título, começam pela palavra «Moïse» (Moisés) e a copulativa «et» (e). O primeiro intitula-se «Moisés e o Egipto». O Egipto é, no Êxodo, um símbolo global. Seguem-se outros símbolos, sempre em íntima relação com a figura sempre presente do grande chefe libertador: a arca, a língua pesada, a avezinha (referência a Tsipora correndo à frente do estrangeiro como uma ave levada pelo sopro do vento), a sarça ardente, o bastão de Deus, o jumento, as dez pragas, o ouro dos egípcios, o cordeiro pascal, o Mar dos Juncos, a Atlântida (com a busca de um relacionamento do Êxodo com o afundamento daquele continente mítico, no seguimento de um livro de Fernand Crombette), o deserto, as codornizes e o maná, as tábuas da Lei, o bezerro de ouro, a Tenda do Encontro, o cacho de uvas, os turbulos da revolta, a serpente de bronze e, finalmente, o monte Nebo.

Quem apenas tenha esta breve descrição como referência pode ser tentado a presu-